

Entre a modernidade e a pós-modernidade

COLABORADOR
LUÍS CARLOS GAMBOGI

opinio@hojeemdia.com.br

Se você quer entender o que se passa nas ruas de nosso país, precisa antes substituir os óculos da modernidade pelos óculos da pós-modernidade. Em suma, deve compreender as principais diferenças entre esses momentos da história humana. De início, cabe lembrar que o principal ponto de atrito entre os cânones da modernidade e o estatuto da pós-modernidade está na desconstrução da crença no progresso linear da razão e das ciências, fundamentos da modernidade, substituídos, na pós-modernidade, pela contingência, pela compreensão de que os desenvolvimentos, se existem, são incontroláveis, inadministráveis, imprevisíveis, não lineares, complexos, contraditórios. Para os modernos, o espaço público, a vida pública, é essencial à vida social; para os pós-modernos, a esfera pública é histriônica, dissimulada, improdutiva; não deve haver política ou é necessário inventar outra forma de fazê-la. Para os modernos, é possível compatibilizar o particular ao universal, construir um discurso democrático convergente entre as inúmeras concepções políticas, jurídicas e éticas presentes numa sociedade plural; para os pós-modernos, nada disso interessa porque, para os pós-modernos, o discurso da modernidade produziu a homogenei-

zação, eliminou as diferenças e adversidades, que agora devem ser prestigiadas.

O estatuto do saber pós-moderno pressupõe a impossibilidade de se planejar, de maneira coerente, sistemática e homológica, o dinamismo da vida. Repele, por conseguinte, a hermenêutica do sentido, a razão comunicacional que persegue o consenso, e os ideais da emancipação do sujeito pela razão, fundamentos da modernidade, substituindo-os pela sensibilidade, pela transgressão metodológica, pelo lúdico, pela força vital. Saem de cena os heróis, as metanarrativas, as grandes soluções e os grandes objetivos; entram em cena o pontual, o micro, o instável e o irracional.

Na pós-modernidade, experimenta-se uma realidade em que o passado se perdeu e o futuro tornou-se obsoleto. Nela, as relações humanas tornaram-se frágeis, incongruentes, paradoxais, quebradiças, não-confiáveis, descartáveis, fontes da insegurança. A reação, quando existe, nega-se a mostrar o seu rosto, seu ideário; os que reagem, fazem-no de modo espontâneo, sem organização, sem lideranças; não são a favor de algo nem contra algo, dir-se-ia que parecem entender que reagem porque a realidade é que se põe contra eles.

Para o pós-moderno, os modernos refletem uma espécie de obsessão

pela eternidade do presente e uma resistência ao pluralismo e à diferença. Tudo o que destoe de seu ritmo pré-datado, de sua harmonia universalizante, deve ser enquadrado, chamado à ordem, incorporado às estruturas da modernidade. Por isso é que no coração da pós-modernidade está o ideal da desconstrução, e, no coração da aventura desconstrucionista, a negação do sentido, um gesto de desconfiança

Para o pós-moderno, os modernos refletem uma espécie de obsessão pela eternidade do presente e uma resistência ao pluralismo e à diferença

em relação à cultura e uma aposta no presente, na imagem, no desejo e no desvio. Não mais o político, não mais o intelectual de viés público têm vez e voz, mas, sim, as redes sociais.

Poder-se-ia dizer que a modernidade gerou a reação pós-moderna, que se dá de modo espontâneo e desorganicamente, razão pela qual sua aversão ao Estado, ao público, sua ojeriza à política e às normas gerais. Quer o poder, a ideologia, a família, o conhecimento, quer qualquer valor da modernidade é capaz de comover o homem pós-moderno, que repele o conceito de liderança, de ideário, de limite, que

não acredita em projetos históricos, em mobilizações organizadas, em bandeiras que prometam resultados gloriosos, homens gloriosos. Na pós-modernidade, todos são heróis de si mesmos e, da falta de ideário em cada um, decorre a fragmentação que a rege. Não à toa que o ator, o protagonista das mudanças sociais e políticas na atualidade, é o protagonista anônimo. Não à toa partem das redes sociais os principais movimentos políticos, sociais e culturais na atualidade.

A sociedade moderna, regida pela razão iluminista, a tudo queria prever e controlar, enquanto que a pós-moderna rege-se pelo instável, pelo movediço, pelo risco, pela incerteza. Eis, em parte, a razão desse mal estar dos modernos. Deixemos a palavra aos cuidados do poeta Chacal; no verso que se segue o poeta sintetiza o descompasso dos modernos com a pós-modernidade: "Como era bom/o tempo em que Marx/ explicava o mundo/ tudo era luta de classes/ como era simples/ o tempo em que Freud explicava/ que Édipo tudo explicava/ tudo era clarinho limpinho/ explicadinho / tudo muito mais asséptico/ do que era quando eu nasci/ hoje rodado sambado pirado/ descobri que é preciso/ aprender a nascer todo dia".

(*) Desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais